

“PARA VIRAR LOBISOMEM”: Reflexões a Partir de uma Criação Inspirada em Ney Matogrosso¹

Frederico Augusto Ribeiro da Silva²

RESUMO

O artigo analisa o livro infantil *Ser Estranho: uma história nada assustadora* (2020) que reinscreve a figura do lobisomem como “Lobisoney”, inspirado no artista Ney Matogrosso. A contextualização insere a obra no cenário de políticas culturais emergenciais e da produção artística em meio à crise sanitária. A metodologia apoia-se na análise imagética do livro, associada à reflexão sobre o processo de criação em seu contexto histórico. Os resultados indicam que o “Lobisoney” reinscreve o folclore em chave afetiva e performática, substituindo a lógica da ameaça pela celebração, o que evidencia a literatura infantil como espaço de reconfiguração simbólica e abertura a futuros dissidentes.

PALAVRAS-CHAVE

Ney Matogrosso; lobisomem; livro; performance

INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 configurou-se como um período marcado por intensas transformações sociais, isolamento e incertezas, caracterizado por Fortuna (2024) como uma “noite interminável” que exigiu rupturas nos modos de vida e nas práticas culturais estabelecidas. Nesse cenário, a aprovação da Lei Aldir Blanc representou uma intervenção fundamental para a sobrevivência do setor cultural brasileiro, disponibilizando recursos emergenciais que possibilitaram a continuidade e viabilização de diversos projetos artísticos e culturais diante das restrições impostas pela pandemia (Almeida, 2022).

Em Teresópolis/RJ, a implementação da Lei Aldir Blanc foi decisiva para fomentar produções culturais locais, criando condições materiais e simbólicas para o nascimento de novas narrativas e experimentações artísticas no contexto da crise sanitária. A obra infantil *Ser Estranho: uma história nada assustadora*, elaborada por mim e pela ilustradora Isabela Sultani, nasceu diretamente desse contexto: a obtenção dos

¹ Trabalho apresentado para o GT Futuros Ancestrais, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Doutorando em Comunicação pela Uerj, mestre em comunicação pela mesma instituição. Contato: fredericoaugusto1@gmail.com.

recursos públicos viabilizados pela Lei foi essencial para que pudéssemos realizar a criação e a publicação do livro em 2020.

Este estudo concentra-se na análise desse livro, especificamente na releitura apresentada da figura do lobisomem — um dos personagens mais emblemáticos do folclore brasileiro — reinventada sob a forma do “Lobisoney”, uma criação performática que estabelece diálogo direto com a imagem pública e a performatividade do cantor Ney Matogrosso. A partir dessa transformação, aponta-se para desdobramentos simbólicos que tensionam normas de gênero e identidade por meio de uma linguagem infantil.

Sendo o autor tanto da obra literária quanto deste estudo, assumo uma posição dupla que impõe desafios metodológicos e epistemológicos, na medida em que a análise envolve uma reflexão crítica sobre um processo criativo do qual faço parte. Tal condição demanda um olhar atento às escolhas estéticas, às estratégias narrativas e às formas de produção de sentido presentes no livro, reconhecendo a imbricação entre autoria, experiência pessoal e construção simbólica.

“VIRA-VIRA HOMEM, VIRA-VIRA LOBISOMEM”³: ENTRELACES ENTRE NEY MATOGROSSO E A FIGURA ANIMALESCA

É preciso, inicialmente, refletir sobre a figura do lobisomem, central na tradição oral e no imaginário popular brasileiro, que constitui um dos elementos mais reconhecíveis do repertório folclórico nacional. Sua permanência ao longo do tempo não decorre de uma fixidez, mas de sua alta plasticidade simbólica: o lobisomem atravessa gerações, geografias e suportes, sendo constantemente atualizado e recontextualizado por práticas culturais diversas (Silva, 2020).

A longevidade dessa figura mítica no imaginário social — entendido aqui como um campo em constante transformação e negociação, conforme propõe Maffesoli (2008) — está associada, em parte, à manutenção de uma cultura do medo. O lobisomem é, classicamente, o homem que se transforma em fera à meia-noite de sexta-feira, encarnando o descontrole, o perigo e o interdito. Seu corpo mutante encena a passagem

³ Expressão presente na canção *O Vira* (1973), composta por Luhli e Lucina e interpretada pelo grupo Secos & Molhados.

de uma forma humana domesticada para uma existência liminar, marcada pelo instinto e pela ameaça.

Ao mesmo tempo, é justamente essa instabilidade — esse corpo em trânsito, entre o humano e o animal — que oferece margem para fabulações outras. A figura do lobisomem, por ser essencialmente mutável, torna-se terreno fértil para reimaginações contemporâneas que deslocam seu sentido original e exploram suas ambivalências. Especialmente quando se observa um artista cuja trajetória manifesta, de forma contínua, o desejo de transitar entre esses dois registros — o humano e o animal — como é o caso de Ney Matogrosso (Maria, 2021).

Há de se destacar que essa não é uma conexão nova: o próprio artista, em suas canções, já evoca figuras híbridas, fabulosas e não humanas como parte de seu repertório simbólico, destacando-se o lobisomem. Um exemplo marcante é a música *O Vira* (1973), lançada pelos Secos & Molhados, grupo do qual Ney fazia parte. A canção mistura referências populares e humorísticas, afirmando que “vira-vira homem, vira-vira lobisomem”, em um jogo que subverte a lógica do medo e celebra a metamorfose. O “vira”, nesse caso, é ao mesmo tempo dança e transfiguração: um movimento coletivo que autoriza o corpo a escapar da forma estável e assumir outras possibilidades de existência. É performático.

A performance aqui é entendida não apenas como encenação, mas como ato constitutivo — um gesto que produz e transforma aquilo que enuncia — no sentido proposto por Butler (2004), para quem o corpo não é uma entidade estável, mas algo que se torna, reiteradamente, através de práticas performativas. Nessa chave, a figura do lobisomem torna-se um operador simbólico para refletir sobre os limites do humano e do masculino. É o que se observa na música *Pra virar lobisomem* (1984), gravada por Ney Matogrosso, em que o eu lírico declara: “eu deixo de ser homem / pra virar lobisomem”. A passagem narrada pela canção se dá num momento de fúria e ciúme, mas o que se inscreve é mais do que raiva: é a recusa de um ideal de masculinidade regulada (“ser homem”) e a adesão a uma forma de existência outra, indomada, animal, fora da norma.

A animalização, nesse contexto, não funciona como castigo, mas como potência — e está profundamente vinculada à performance. A canção configura uma masculinidade que se afasta dos ideais de controle e racionalidade, investindo numa virilidade que se manifesta por meio da transformação. “Deixar de ser homem” não

significa apenas perder uma identidade fixa, mas ativar um corpo que ultrapassa seus próprios limites. Esse gesto, ao mesmo tempo em que evoca a tradição simbólica do lobisomem, também desestabiliza as categorias normativas que a sustentam. Trata-se, portanto, de um imaginário popular em que o desvio — ou melhor, o virar — se impõe como forma de permissividade paradoxal, marcada por uma tensão conflituosa. Isso porque não é uma licença amigável, mas de uma condição imposta, que desafia os códigos estabelecidos sem, contudo, ser plenamente aceita ou legitimada (Silva, 2020).

Quando cantada por Ney Matogrosso, essa mesma canção — *Pra virar lobisomem* — carrega um tom de deboche que intensifica sua potência de transgressão. Há algo na forma como Ney interpreta esses versos que subverte tanto a ameaça contida na letra quanto o ideal de virilidade que ela aparentemente reforça. Sua performance — marcada por gestos e expressões teatrais, movimentos corporais sinuosos (Maria, 2021) — atua como um espelho distorcido das masculinidades hegemônicas. É uma virilidade encenada, exagerada, performatizada até o limite do excesso, do incômodo. Esse mesmo procedimento pode ser observado em outras interpretações do artista, como em *Homem com H* (1981), em que o próprio título já antecipa a tensão: o “H” de homem torna-se caricatura de si mesmo, letra de uma gramática social que Ney desorganiza ao rebolar, ao pintar o rosto, ao cantar com voz aguda, ao borrar o gênero.

Nesse corpo performático, os pelos — que tradicionalmente seriam lidos como sinal de virilidade — não são apagados ou neutralizados, mas expostos e reinscritos como parte do jogo. Ney Matogrosso dança com o corpo coberto de pelos, rebola com o dorso nu, mistura a aparência “selvagem” à coreografia leve, quase felina. É justamente nesse contraste — entre o que culturalmente se associa ao masculino bruto e o que se entende como gestualidade feminina — que sua performance ganha força. Ney não tenta conciliar os extremos: ele os faz coexistir, explorando suas fricções. Os pelos que o aproximam visualmente do lobisomem não operam como marca de monstruosidade, mas como traço de uma animalidade incorporada, sensual, que desafia a lógica do controle e da contenção.

Dessa forma, as figuras do lobisomem e de Ney Matogrosso, atravessadas por repertórios populares, fabulações musicais e performances de gênero, constituem um campo simbólico complexo onde a animalidade, a masculinidade e o corpo em trânsito se entrelaçam. A potência dessas imagens não reside apenas na ruptura com o normativo, mas na sua capacidade de encenar e habitar o desvio como linguagem, como jogo e como

reinvenção. É nesse imaginário expandido — em que o folclórico e o pop, o selvagem e o performático se contaminam — que se inscreve o personagem “Lobisoney”.

SER ESTRANHO: LOBISONEY, O PERSONAGEM DE UM LIVRO INFANTIL

A aprovação de projetos culturais por meio da Lei Aldir Blanc representou, durante a pandemia, uma das principais estratégias para que artistas e fazedores de cultura mantivessem suas práticas criativas em meio à paralisação forçada de atividades presenciais. Essa política pública não apenas forneceu suporte financeiro em um momento de crise, mas também influenciou diretamente os formatos e caminhos possíveis para a criação artística. Como aponta Almeida (2022), o contexto emergencial exigiu que projetos fossem reconfigurados, adaptando-se às novas formas de circulação e fruição cultural.

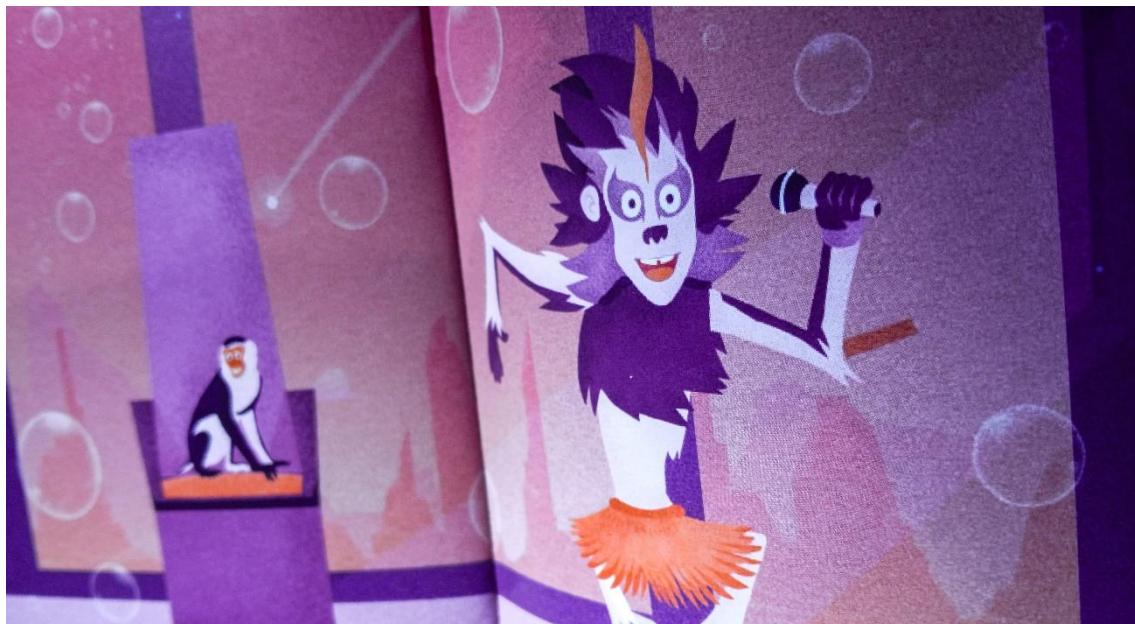
Ser Estranho: uma história nada assustadora é um exemplo dessa reconfiguração. Como observa Oliveira (2023), a proposta inicial do projeto previa a produção de um desenho animado. No entanto, diante das limitações técnicas e logísticas impostas pela pandemia, o projeto foi transformado em um livro infantil, o que viabilizou sua produção de maneira mais ágil e permitiu uma distribuição adaptada ao momento do retorno das atividades escolares presenciais.

Desde o início, o livro se apresenta como um desvio da lógica tradicional do medo. Seu protagonista, um vampiro chamado Bobalhão, não deseja assustar ninguém — ele sonha em ser apresentador de televisão. Esse desejo inusitado desencadeia a organização de uma festa no castelo, que reúne personagens clássicos do universo do terror infantil, como bruxas, fantasmas e caveiras. No entanto, a narrativa logo escapa ao roteiro previsível: a festa, pensada como um espetáculo, se desorganiza; os convidados se confundem, assustam-se entre si, e a história assume um tom cômico e caótico (Augusto; Sultani, 2020).

É nesse contexto que, à meia-noite, surge o Lobisoney — personagem que concentra e tensiona os principais deslocamentos simbólicos da obra. O lobisomem, enquanto figura mítica do repertório popular, é geralmente construído como um homem que, em noites de lua cheia, transforma-se em uma criatura bestial: um lobo grande, forte, violento, que escapa ao controle racional e ameaça a ordem (Silva, 2020). Essa

animalização, tradicionalmente associada à masculinidade exacerbada, inscreve o lobisomem como expressão de uma virilidade feroz, impulsiva, quase sempre ligada à ideia de fúria ou desejo sexual incontrolável.

Figura 1 – Página final do livro *Ser Estranho: uma história nada assustadora* (2020).



Fonte: Augusto; Sultani (2020)

Ao nomear essa figura de Lobisoney — e ao vinculá-la explicitamente a Ney Matogrosso — a obra desloca esse arquétipo. O que emerge não é um monstro, mas um artista. O personagem é descrito como “famoso”, usa maquiagem, tem uma pena laranja na testa, canta e dança. A ilustração remete à estética performática dos Secos & Molhados, grupo em que Ney Matogrosso explorava teatralidade, ambiguidade de gênero e visualidades não normativas. Como observa Maria (2021), essa visualidade não era apenas decorativa: tratava-se de um corpo encenado, híbrido, que operava na fronteira entre o humano e o animal, o masculino e o feminino, o eu e o outro.

Portanto, deixa de ser apenas criatura do medo para tornar-se possibilidade de fabulação. Esse movimento encontra eco no que Krenak (2019) formula como futuro ancestral — um modo de conceber o porvir que não rompe com os saberes herdados, mas os reinscreve em novas formas de sensibilidade e imaginação. Nesse sentido, ao se dirigir a crianças — leitores e ouvintes que simbolizam, por excelência, o tempo que ainda está

por vir —, a obra ativa uma política do encantamento: propõe que as narrativas que nos foram legadas possam ser contadas de novo, de outro jeito, por outros corpos. O Lobisoney não apaga o passado: ele dança com ele, transformando-o em matéria viva para futuros que ainda não conhecemos, mas que já nos interpelam.

Nessa chave, o Lobisoney não representa apenas uma figura lúdica; ele encarna uma fabulação dissidente. Em vez da força agressiva e do controle pelo medo, o personagem conquista pelo encantamento, reorganiza a festa com alegria. Ao invés de destruir, dança. Ao invés de impor, convida. Essa transgressão não se dá por meio da ruptura direta com o gênero infantil, mas por torções internas que reconfiguram os sentidos do estranho e da masculinidade.

Essa construção pode ser pensada a partir de Butler (2004), ao conceber o gênero como prática performativa, e não como essência natural: os corpos são moldados por normas que os antecedem, mas também podem reencená-las de modo a subvertê-las. O Lobisoney é justamente esse corpo limiar que, ao assumir a forma de um “monstro” que canta, dança e brilha, desorganiza a expectativa de um corpo masculino violento e predatório. Ele desloca o imaginário do lobisomem para uma outra zona: nem herói, nem vilão, mas artista — e, como tal, capaz de propor outras formas de aparecer e existir.

E, por isso, ele termina fazendo um show, salvando a festa do vampiro Bobalhão. Ao encerrar a história com um espetáculo, o livro desloca o clímax do medo para o clímax da festa, substituindo a lógica da ameaça pela da celebração. A meia-noite — tradicionalmente associada à transformação temida — é convertida no momento em que o estranho se torna encantamento, e a figura que poderia assustar é aquela que, afinal, convida todos a dançar.

Dessa forma, a presença do personagem Lobisoney em *Ser Estranho: uma história nada assustadora* opera como um dispositivo narrativo que ressignifica o estranho, sem necessariamente romper com as convenções do gênero infantil. A construção do personagem desloca o eixo tradicional do conflito: ele não se resolve pela força ou pelo susto, mas pela arte, pelo espetáculo. A escolha de associar o lobisomem à figura de Ney Matogrosso revela um gesto de fabulação que se recusa tanto a repetir os arquétipos do medo quanto a prescrever uma leitura única. No contexto em que o livro foi concebido — atravessado pela pandemia e viabilizado por uma política pública emergencial —, trata-se de um esforço para, dentro dos limites e potências da literatura

infantil, imaginar outras formas de convivência com a diferença, sem diluir a complexidade que ela implica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta análise buscou evidenciar as operações simbólicas ativadas *em Ser Estranho: uma história nada assustadora*, sobretudo no modo como a figura do lobisomem — historicamente vinculada à masculinidade violenta, ao descontrole e à ameaça — é reinscrita em chave afetiva, ambígua e espetacular. O Lobisoney não apenas suaviza esse arquétipo: ele o redireciona. Em vez de provocar medo, dança; em vez de esconder-se na floresta, aparece em cena; em vez de atacar, convida. Desse modo, o livro reinscreve o estranho em um território — a literatura infantil — que frequentemente o corrige ou o apaga. Aqui, ao contrário, ele é celebrado.

A dupla posição assumida pelo autor — como criador da obra e pesquisador de sua análise — implicou um exercício metodológico peculiar. Essa condição permitiu uma aproximação privilegiada do processo criativo, mas também trouxe limites que precisam ser reconhecidos. Entre as limitações do estudo, destacam-se: (1) o caráter autoanalítico, que pode restringir a pluralidade de interpretações ao circunscrever a leitura ao olhar de quem concebeu a obra; (2) a concentração em um objeto específico, o que impede generalizações sobre a literatura infantil contemporânea; e (3) a ausência de recepção empírica junto a leitores e mediadores, que poderia fornecer dados sobre os efeitos concretos da obra em contextos educativos e culturais.

Essas restrições abrem, entretanto, espaço para agendas futuras de pesquisa. Em primeiro lugar, seria relevante investigar como políticas culturais, como a Lei Aldir Blanc, impactaram as estéticas e narrativas de obras culturais destinadas à infância em diferentes regiões do Brasil. Em segundo, estudos comparativos entre o Lobisoney e outras reconfigurações contemporâneas de personagens folclóricos poderiam revelar continuidades e rupturas na forma como a tradição é reinscrita em chave dissidente. Em terceiro, a análise da recepção do livro por crianças, professores e famílias permitiria compreender como tais fabulações operam, na prática, no campo da educação e da cultura midiática.

Além dessas possibilidades, cabe sublinhar que este estudo também se inscreve em um campo mais amplo de debates sobre políticas culturais e suas materializações simbólicas. A experiência da Lei Aldir Blanc, ao viabilizar uma série de produções que talvez não existissem sem o aporte emergencial, mostra que a criação artística não se dá apenas por motivações individuais, mas é profundamente atravessada por condições históricas e estruturais. Investigar como esses marcos institucionais modulam as formas da imaginação coletiva pode iluminar tanto os limites quanto as potências das políticas públicas de cultura em contextos de crise.

Do mesmo modo, a análise sugere a fecundidade de abordagens interdisciplinares. O Lobisoney, ao cruzar literatura, performance, música e folclore, convida a diálogos entre estudos de comunicação, educação, antropologia, artes cênicas e literatura comparada. Tal abertura pode estimular pesquisas que não apenas descrevam personagens e narrativas, mas que refletem sobre como corpos e imagens se constituem em atravessamentos midiáticos e culturais múltiplos.

O interesse desta reflexão não foi o de apresentar uma leitura definitiva, mas de abrir brechas. O Lobisoney, ao deslocar um repertório do medo, inscreve um outro modo de imaginar o porvir: um futuro que não renega seus fantasmas, mas os reencena com brilho, performance e escuta. Um futuro, talvez, ancestral, em que figuras herdadas — o lobo, o monstro, o homem — podem reaparecer não como ameaça, mas como possibilidade de encontro.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, F.; SULTANI, I. **Ser Estranho**: uma história nada assustadora. Teresópolis: s.n., 2020.

ALMEIDA, J. R. F. de. Políticas culturais em tempos de pandemia: da Lei Aldir Blanc à Lei Paulo Gustavo e suas aplicações no estado e município de São Paulo. **Sala Preta**, São Paulo, Brasil, v. 21, n. 1, p. 53–80, 2022. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v21i1p53-80.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

FORTUNA, D. R. “A gente era obrigado a ser feliz”: os diários de quarentena versus a ditadura da felicidade. In.: OLIVEIRA, D. C; FREITAS, R. F; FORTUNA, D. R. **Narrativas na pandemia: corpos, escritas e subjetividades**. Rio de Janeiro: Ayran, 2024.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

OLIVEIRA, P. Autores de Teresópolis criam livro infantil inspirado em Ney Matogrosso. **G1 — Região Serrana (RJ)**, 24 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/2023/02/24/autores-de-teresopolis-criam-livro-infantil-inspirado-em-ney-matogrosso.ghtml>. Acesso em: 15 jul. 2025.

MAFFESOLI, M. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 74–82, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2001.15.3123. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3123>. Acesso em: 15 jul. 2025.

MARIA, J. **Ney Matogrosso**: A biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MATOGROSSO, Ney. Para virar lobisomem. Composição de Cecéu. Intérprete: Ney Matogrosso. In: MATOGROSSO, Ney. **Destino de aventureiro**. [S.l.]: Polygram, 1984. 1 disco sonoro (LP), 33 1/3 rpm, estéreo.

MATOGROSSO, Ney. Homem com H. Composição de Antônio Barros. Intérprete: Ney Matogrosso. In: MATOGROSSO, Ney. **Ney Matogrosso**. [S.l.]: WEA, 1981. 1 disco sonoro (LP), 33 1/3 rpm, estéreo.

SECOS & MOLHADOS. O Vira. Composição de Luhli e Lucina. Intérprete: Ney Matogrosso, João Ricardo e Gerson Conrad. In: **Secos & Molhados**. [S.l.]: Continental, 1973. 1 disco sonoro (LP), 33 1/3 rpm, estéreo.

SILVA, G. P. da. A CRENÇA EM LOBISOMENS: VISÕES ACERCA DA METAMORFOSE DE HOMENS EM LOBO. **Revista Cadernos de Clio**, [S. l.], v. 11, n. 2, 2021. DOI: 10.5380/clio.v11i2.79817. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/clio/article/view/79817>. Acesso em: 15 jul. 2025.